Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário

DACEC Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 19/06/2020 a 25/06/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum[1]
Jaciele Moreira[2]

[1] Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.
[2] Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US$/bushel)	FARELO SOJA (US$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US$/bushel)	MILHO (US$/bushel)
19/06/2020	8,76	287,00	28,52	4,81	3,32
22/06/2020	8,76	286,50	28,35	4,85	3,28
23/06/2020	8,75	286,30	28,17	4,86	3,25
24/06/2020	8,70	286,70	27,65	4,81	3,24
25/06/2020	8,69	285,50	27,54	4,86	3,17
Média	**8,73**	**286,40**	**28,05**	**4,84**	**3,25**

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
bushel de milho= 25,40 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo
tonelada curta = 907,18 quilos
Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R$/Saco)

SOJA	Média*	
RS – Panambi	**99,50**	
RS – Não Me Toque	**98,50**	
RS – Londrina	**95,00**	
PR – Cascavel	**94,50**	
MT – Rondonópolis	**106,00**	CIF
MS – Maracaju	**97,00**	
GO - Rio Verde	**89,00**	
BA – L.E.Magalhães	**93,00**	
MILHO(**)		
Porto de Santos	**49,50**	CIF
Porto de Paranaguá	**48,00**	CIF
Porto de Rio Grande	**S/C**	
RS – Panambi	**42,00**	
SC – Rio do Sul	**42,00**	
PR – Cascavel	**39,00**	
PR – Londrina	**40,00**	
MT – Rondonópolis	**32,00**	
MS – Maracaju	**37,00**	
SP – Itapetininga	**48,00**	
SP – Campinas	**50,00**	CIF
GO – Rio Verde	**36,00**	
GO – Jataí	**36,00**	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	**55,00**	
RS – Não Me Toque	**54,00**	
PR – Londrina	**57,00**	
PR – Cascavel	**58,00**	

Período: 24/06/2020
S/C=Sem Cotação.
(*) Valor de compra.
(**)Preços em reais/saco.
Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 25/06/2020

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R$	**43,55**	**102,03**	**53,76**

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 25/06/2020

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	**61,35**
Feijão (saco 60 Kg)	**204,47**
Sorgo (saco 60 Kg)	**35,20**
Suíno tipo carne (Kg vivo)	**4,17**
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	**1,35****
Boi gordo (Kg vivo)*	**7,03**

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias
(**) Ref. Maio/20 - média cf. Cepea/Esalq
ND= Não Disponível
Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago ensaiaram uma pequena recuperação no início desta semana, porém, o movimento não se sustentou. Com isso, o fechamento do primeiro mês cotado, na quinta-feira (25), ficou em US$ 8,69/bushel, contra US$ 8,73 uma semana antes.

O mercado está na expectativa do relatório de plantio nos EUA, a ser divulgado no próximo dia 30/06. O mesmo pode indicar uma área semeada com soja um pouco maior do que a inicialmente prevista. Além disso, sairá igualmente o relatório de estoques trimestrais, posição 1º de junho.

Neste contexto, o mercado, após avançar para o patamar dos US$ 8,70/bushel, perdeu força, mesmo com a importante demanda chinesa. A perspectiva de uma safra cheia nos EUA tira o ímpeto dos operadores em Chicago.

Tanto é verdade que as atribuladas relações comerciais entre EUA e China não movimentam tanto o mercado, com os operadores se concentrando no clima nos EUA. Neste sentido, por enquanto o mesmo caminha normalmente naquele país. O plantio da soja, até o dia 21/06, atingia a 96%, contra 93% na média histórica e 83% em igual momento do ano passado. Em relação as condições das lavouras semeadas, 72% estavam entre boas a excelentes, 24% regulares e 4% entre ruins a muito ruins.

Por outro lado, notícias vindas da Argentina dão conta de que a empresa Vincentin, voltou às mãos da iniciativa privada, após duas semanas de intervenção estatal. Sob acusação de inúmeras fraudes a empresa está sob ameaça naquele país, com investigação federal ocorrendo neste momento.

Pelo lado das importações de soja, a União Europeia informou que no ano de 2019/20, iniciado em 1º de julho do ano passado, a região importou 14,8 milhões de toneladas até o dia 21 de junho. Este volume estaria apenas 1% acima do importado no ano anterior. Já em canola, as importações chegaram a 5,8 milhões de toneladas, com alta de 42% sobre o ano anterior. Em farelo de soja, as importações somaram 17,5 milhões de toneladas, com alta de 2% sobre o ano anterior, enquanto as compras externas de óleo de palma chegaram a 5,6 milhões de toneladas, com recuo de 11%. Os números da União Europeia ainda incluem o Reino Unido, pois sua saída do bloco está em transição.

Pelo lado da China, o mercado está atento ao fato de que o país asiático estaria com estoques de soja para apenas 20 dias de consumo, precisando ser triplicados. Como a América do Sul entra na entressafra da oleaginosa e as vendas por aqui estão muito avançadas, a tendência é de os chineses buscarem com mais intensidade a soja dos EUA. Isso poderá pressionar para cima as cotações em Chicago. Todavia, tudo dependerá da evolução da nova safra local de soja.

No Brasil, com o Real chegando novamente à casa dos R$ 5,30 por dólar, a soja voltou a se valorizar. O balcão gaúcho retornou ao patamar acima dos cem reais, fechando a semana em R$ 102,03/saco. No Paraná o produto ficou ao redor de R$ 94,00 a R$ 95,00/saco, em Maracaju (MS) em R$ 97,00, em Rondonópolis (MT) o valor CIF chega

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

a R$ 106,00/saco, enquanto em Rio Verde (GO) bate em R$ 89,00 e na baiana Luís Eduardo Magalhães em R$ 93,00/saco.

Junho está chegando ao fim e a Anec espera que o país exporte, no mês, um total de 12,6 milhões de toneladas de soja, reduzindo um pouco a estimativa anterior. Em farelo, as vendas externas chegariam a 1,52 milhão de toneladas no mês, igualmente com um pequeno recuo em relação ao estimado anteriormente. Desta forma, em todo o primeiro semestre do corrente ano espera-se exportações de soja em 62,3 milhões de toneladas, para um total anual projetado em 77 milhões. Em farelo as vendas, no semestre, chegariam a 8,5 milhões de toneladas, para um total anual esperado ao redor de 16,5 milhões de toneladas.

A novidade agora é que importadores chineses estariam exigindo que os exportadores assinem cartas garantindo que as cargas de soja não estejam contaminadas pelo coronavírus. Algo praticamente impossível de garantir haja vista o estágio de avanço da pandemia no Brasil e nos EUA. Há um receio de que a China use isso para forçar uma baixa nos preços da soja, repetindo a estratégia ocorrida com a chamada “soja vermelha” no início dos anos 2000. O fato é que, segundo autoridades sanitárias mundiais, até o momento não há evidência de que o coronavírus possa ser transmitido por meio de alimentos.

Neste contexto, o mercado brasileiro esteve lento nesta semana. Os prêmios recuaram, contrabalançando a desvalorização do Real na formação do preço da soja nacional, mas não impediram uma recuperação do mesmo. A soja disponível em Paranaguá chegou a R$ 111,00/saco, em Rio Grande a R$ 110,00 e em Imbituba (SC) a R$ 114,00. Para fevereiro do próximo ano Paranaguá registra valor de R$ 106,00 e Rio Grande R$ 103,50 por saco. Neste momento, os prêmios nos diferentes portos brasileiros variam na média de US$ 1,10 a US$ 1,20/bushel.

Na prática, diante de vendas elevadas até aqui realizadas, os produtores brasileiros seguram o que resta do produto da última safra (cerca de 5% apenas) e freiam as vendas futuras (35% da nova safra já estariam vendidos) na expectativa de preços ainda mais elevados.

Neste sentido, toda a atenção ao câmbio no Brasil e ao desenvolvimento da nova safra nos EUA. Em o Real voltando a patamares de R$ 4,50, como ensaiou há pouco tempo, e a safra estadunidense vindo cheia, os preços nacionais da soja tendem a recuar fortemente. Ao contrário, em o câmbio se mantendo nos atuais níveis e/ou o Real se desvalorizando mais, somado a alguma frustração climática na safra dos EUA, os preços locais da soja tendem a subir ainda mais até o final do ano.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago recuaram nesta semana, atingindo o menor nível em pouco mais de um mês. O fechando desta quinta-feira (25), para o primeiro mês cotado, ficou em US$ 3,17/bushel, contra US$ 3,31 uma semana antes.

Um dos motivos está na expectativa do relatório de plantio nos EUA, previsto para o dia 30/06, e também no relatório de estoques trimestrais, posição 1º de junho, que igualmente deverá sair na oportunidade. Para os dois, o mercado espera números que possam pressionar para baixo as cotações do milho, embora não se descarte alguma surpresa no que tange a área final semeada com o cereal.

Além disso, as condições das lavouras de milho nos EUA continuam muito positivas, com 71% entre boas a excelentes, 24% regulares, e 5% entre ruins a muito ruins. Isso é resultado de um clima favorável às mesmas até o momento.

Assim, como já é do conhecimento de todos, o clima nos EUA deverá orientar a evolução das cotações em Chicago, pelo menos até setembro, quando a colheita se inicia naquele país.

Já aqui no Brasil os preços do cereal se estabilizaram, diante das incertezas quanto ao volume final da safrinha e das exportações. O balcão gaúcho fechou a semana em R$ 43,55/saco, enquanto nos demais Estados os preços giraram entre R$ 32,00/saco em Rondonópolis (MT) e R$ 42,00 em Rio do Sul (SC). Nos portos, Paranaguá registrou R$ 48,00 e Santos R$ 49,50. Enquanto isso, o CIF Campinas ficou em R$ 50,00/saco.

Em São Paulo as ofertas continuam escassas, porém, o comprador igualmente está sem ímpeto, forçando assim um equilíbrio no mercado. O avanço na colheita da safrinha está segurando os preços do cereal e, logo mais, poderá forçá-los a um recuo.

Na BM&F o contrato de julho atingiu a R$ 45,95/saco, setembro ficou em R$ 44,25, novembro foi a R$ 47,00 e janeiro/21 registrou R$ 49,00/saco. A desvalorização do Real, com a consequente melhoria na competitividade do milho na exportação, melhorou tais cotações.

Quanto às exportações, entre fevereiro e junho (ano comercial 2020/21) as mesmas foram bem menores do que no mesmo período do ano anterior. Há risco destas exportações não conseguirem recuperar um melhor nível, especialmente a partir de outubro, quanto entra no mercado o produto dos EUA.

Para junho espera-se que o Brasil exporte 1,03 milhão de toneladas, em número revisado da semana anterior. E segundo a Anec, no primeiro semestre do corrente ano o país exportou apenas 2,8 milhões de toneladas até o final da terceira semana de junho. Neste sexto mês do ano o preço médio da tonelada atingiu a US$ 186,40, isto é, 7,8% sobre o mesmo período do ano anterior. No geral, para todo o ano comercial 2020/21 os mais otimistas esperam que o Brasil exporte entre 30 a 34 milhões de toneladas. Mas já existem estimativas de que, diante da realidade mundial deste ano, atingido pela pandemia, e de uma demanda interna aquecida, o país exporte menos, ficando entre 26 e 28 milhões de toneladas. Neste último caso, os preços internos do cereal tendem a recuar, em relação aos atuais patamares, até o final do ano.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que o fator determinante para definir o volume exportado, a partir de agora, será o comportamento cambial. Quanto mais o Real se desvalorizar, maior será a tendência de exportação, e vice-versa.

Neste contexto, não se pode esquecer que, além dos EUA, a Ucrânia vem competindo fortemente com o Brasil no mercado mundial de milho. E neste momento a tonelada do cereal ucraniano está US$ 5,00 mais barata do que a brasileira.
Assim, o mercado nacional pode ficar na dependência do consumo interno, o qual vem se mantendo firme, inclusive na demanda do cereal para a fabricação do etanol, na medida em que a economia retoma, mesmo que lentamente. Neste caso, há ainda muitas incertezas diante do recrudescimento da pandemia da Covid-19 em muitas regiões.

Dito isso, no Mato Grosso do Sul, até o dia 22/06 as vendas da safrinha de milho atingiam a 44% da produção esperada, cujo total está estimado em 8,2 milhões de toneladas. Estas vendas estão acima do comportamento do ano anterior. Em junho o preço médio obtido pelos produtores naquele Estado foi de R$ 36,94/saco, ou seja, 33,2% acima da média registrada um ano antes. (cf. Famasul)

Já no Mato Grosso, segundo o Imea, a colheita atingia a 16,4% da área até o dia 19/06. Diante deste avanço, os preços médios no Estado recuaram nesta última semana, ficando em R$ 31,31/saco. A produção total da safrinha mato-grossense está estimada em 32,9 milhões de toneladas. Em torno de 85% desta safrinha já teria sido negociado pelos produtores daquele Estado, e 35% da produção esperada na safra 2020/21.

No Paraná, a colheita da safrinha pouco avançou nestes últimos dias, chegando apenas a 4% da área no início da corrente semana. No ano passado, nesta época, a mesma atingia a 34% da área. O forte atraso se deve aos problemas climáticos enfrentados durante o plantio, mas igualmente ao fato de que a colheita do milho safrinha, em 2019, ter sido antecipada já que a soja, na oportunidade, acabou sendo colhida antes do cereal. Ainda no Paraná, 44% das lavouras apresentam boas condições, contra 82% no ano passado. Portanto, haverá perdas ao redor de um milhão de toneladas na safrinha paranaense.

De forma geral, a colheita do milho safrinha, no Centro-Sul brasileiro, estaria em 8% da área até o dia 19/06, contra 16% em igual período do ano anterior. Mas o ritmo da colheita atual é considerado positivo diante do atraso no plantio do milho safrinha devido a problemas climáticos em muitos locais.

Enfim, Safras & Mercado aumentou sua estimativa para a colheita total de milho no Brasil, saindo de 101,5 milhões para 108,4 milhões de toneladas. A área semeada chegaria a 13,4 milhões de hectares, ganhando 9,3% sobre o ano anterior. Houve, portanto, um acréscimo de um milhão de hectares em relação a estimativa anterior, fato que explica a melhor produção, mesmo diante das quebras localizadas e já indicadas por nós em comentário passado. Em isto se confirmando, a safrinha deste ano chegaria a 75 milhões de toneladas, contra 69,5 milhões estimadas em maio.

Este aumento na oferta, se confirmado, caso não encontre saída na exportação, será mais um elemento de pressão baixista sobre os preços para o final do ano.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo continuaram baixas em Chicago, com o primeiro mês cotado fechando a quinta-feira (25) em US$ 4,86/bushel, contra US$ 4,83 uma semana antes.

Esta realidade de preços mais baixos ocorre em função da entrada do trigo de inverno, que até o dia 21/06 estava colhido em 29% da área semeada nos EUA, contra 26% na média histórica e apenas 13% em igual período do ano anterior. Ao mesmo tempo, as condições das lavouras que ainda faltam ser colhidas, deste trigo, na mesma data atingiam a 50% entre boas a excelentes, 31% regulares e 19% entre ruins a muito ruins. Já o trigo de primavera apresentava 81% das lavouras entre boas a excelentes, 17% regulares e 2% ruins.

Outro fator baixista é a grande oferta mundial do cereal. Neste caso, a Rússia anuncia que deverá chegar a produção de 77,5 milhões de toneladas em trigo, ou seja, 4% acima do ano anterior e a segunda maior da história do país. Seriam 56,8 milhões de toneladas em trigo de inverno e mais 20,7 milhões em trigo de primavera. Alguns analistas privados chegam mesma a avançar o volume total de 79,5 milhões de toneladas a ser colhido pela Rússia. A colheita naquele país deve iniciar nesta virada de julho para julho.

No Brasil, a média no balcão gaúcho fechou a semana em R$ 53,76/saco, enquanto no Paraná os preços ficaram entre R$ 58,00 e R$ 59,00/saco, e na região catarinense de Palma Sola R$ 56,00/saco.

Enquanto o plantio ainda se desenvolve em algumas regiões do Rio Grande do Sul, a preocupação maior agora é com a possibilidade de uma nuvem de gafanhotos, procedente da Argentina, atingir as lavouras gaúchas. Seria um desastre, pois estes animais tendem a dizimar gramíneas em geral que encontram pela frente. A esperança é de que a chuva, que chegou nesta quinta-feira (25), seguida de frio intenso, impeça que esta praga invada o Estado gaúcho. Esta próxima semana tende a ser decisiva na definição deste problema.

Outro problema, agora para o Paraná, vem da possibilidade de geadas importantes no início da próxima semana, na esteira desta massa de ar polar que entrou no Rio Grande do Sul nesta quinta-feira. No estágio atual, muitas lavouras paranaenses sofreriam perdas.

Além disso, diante dos altos preços internos do trigo, o governo acabou atendendo aos pedidos do setor industrial do cereal, liberando a importação de 450.000 toneladas de trigo procedentes de fora do Mercosul, sem a aplicação da TEC (Tarifa Externa Comum). Isto é ruim para os produtores de trigo que apostaram no cereal devido aos seus preços elevados. Afinal, tais importações ficam mais baratas com a isenção da tarifa.

Por enquanto, a retomada da desvalorização do Real mantém os preços de importação bastante elevados, garantindo, ainda, um preço interno muito bom para o cereal. Mas na medida em que a colheita acontecer, a partir de setembro, em não havendo frustração de safra, a tendência é de preços em recuo.

Dito isto, o Centro de Exportadores de Cereais da Argentina (CEC) cobrou do governo argentino uma reação à esta cota adicional de trigo importado de fora do Mercosul sem

Tarifa Externa Comum (TEC) de 10%, autorizada pelo Brasil. Afinal, os argentinos perdem a vantagem que o Mercosul oferece quando isso ocorre. Neste momento, entre 85% e 90% do trigo importado pelo Brasil vem da Argentina.
Esta cota adicional autorizada pelo governo brasileiro poderá ser utilizada até o dia 17 de novembro, caso 85% do volume de 750.000 toneladas por ano, permitidas atualmente, seja atingido. Indignados, o setor produtivo argentino afirma que terá trigo suficiente para atender a demanda brasileira, não sendo preciso este artifício que favorece o trigo dos EUA, Canadá e outras regiões, penalizando o produto do Mercosul. Os argentinos esperam colher, neste ano, 21 milhões de toneladas de trigo, sendo que até 15 milhões possam ser direcionadas para exportação. O Brasil, neste ano, deverá importar algo ao redor de 6,7 milhões de toneladas.

Enfim, segundo Safras & Mercado, a produção brasileira de trigo neste ano deverá crescer 30%, em clima normal, atingindo a 6,6 milhões de toneladas. Este número é bem superior as 5,7 milhões de toneladas apontadas pela Conab e está mais próximo do que deverá ser a realidade nacional. O consumo interno está estimado ao redor de 12 milhões de toneladas do cereal.

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br